

LÍNGUA COMO ACOLHIMENTO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA*

LANGUAGE AS A SHELTER AND IDENTITY CONSTRUCTION

Lovani Volmer 1
Pietra Da Ros 2

Resumo: O número de migrantes, por diversos motivos, tem crescido a cada ano, o que tem motivado esforços no sentido de assegurar-lhes seus direitos. Sua participação ativa na sociedade e a liberdade de expressão estão previstas na Declaração Universal dos Direitos Humanos, com garantias de direitos e deveres. Isso, contudo, nem sempre se concretiza. Nesse sentido, este estudo pretende discutir, a partir de vivências em um projeto de extensão universitária - "O mundo em Novo Hamburgo: refugiados e migrantes – uma questão de direitos humanos" -, a importância da língua como instrumento de acolhimento e construção identitária. Uma análise preliminar mostrou que as atividades, realizadas em um contexto multicultural e multilíngue de ensino/aprendizagem, promoveram o acolhimento e a inserção social dos sujeitos beneficiados e contribuíram não só com a aprendizagem do português, mas com a construção da identidade nesse novo lugar, na busca por uma sociedade mais equânime e empática.

Palavras-chave: Direitos Humanos. Migrantes. Refugiados. Identidade.

Abstract: The number of migrants, by most diverse reasons, have been growing each year, what has motivated efforts towards promoting their rights. Their active participation in society and freedom of expression are assured by the Universal Declaration of Human Rights, with guarantees of rights and obligations. However, it is not always the case. In this sense, this study aims to discuss, from experiences in a university extension project – "O mundo em Novo Hamburgo: refugiados e migrantes – uma questão de direitos humanos" ("The world in Novo Hamburgo: refugees and migrants – a matter of Human Rights", in a free translation) -, the importance of the language as an instrument for shelter and identity construction. A preliminary analysis showed that the activities, carried out in a multicultural and multilingual teaching-learning context, promoted a shelter and the social insertion of the benefited subjects and not only contributed to the Portuguese learning, but also to the construction of the identity in this new place, in the search for a more equitable and empathetic society.

Keywords: Human Rights. Migrants. Refugees. Identity.

Doutora em Letras, Universidade Feevale. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3473440605906520>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3458-1005>.
E-mail: lovaniv@feevale.br | 1

Acadêmica de Letras, Universidade Feevale. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4540638846649650>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2603-9750>.
E-mail: pietradaros@icloud.com | 2

Introdução

Como signatário da Convenção da ONU de 1951 Relativa ao Estatuto dos Refugiados, o Brasil tem o comprometimento internacional de prestar auxílio humanitário aos refugiados em temas como moradia, educação e direito ao trabalho. Novo Hamburgo, cidade da região metropolitana de Porto Alegre, tem sido destino de um número expressivo de refugiados que trabalham ou estão à procura de emprego no município ou cidades vizinhas.

As tensões criadas na sociedade brasileira com o aumento de migrantes - 160% no país em 10 anos, segundo a Polícia Federal - criaram uma demanda por ações, como grupos de apoio, que se dedicassem à inserção desses migrantes e refugiados que chegam ao Brasil, no combate às diferentes formas de violência e intolerância. Pensando nessas questões, foi criado, em 2016, na Universidade Feevale, em Novo Hamburgo/RS, o projeto de extensão “O Mundo em NH: refugiados e migrantes – uma questão de direitos humanos”, que atende a migrantes e refugiados de diversas nacionalidades e culturas.

Nesse sentido, o presente estudo, ao considerar a língua fator determinante para a efetiva inserção social e, a partir de Bakhtin (1999; 2003), sinônimo de identidade, visa discutir a importância da língua como acolhimento e como caminho para a construção identitária, a partir de vivências nas oficinas de língua portuguesa, em um ambiente multicultural e multilíngue.

Contextualizando “O Mundo em NH: refugiados e migrantes – uma questão de direitos humanos”

Três por cento da população mundial reside fora de seu país de origem ou de nacionalidade (FARENA, 2008). No Brasil, pelo fato de uma parcela significativa da população ainda carecer da efetivação dos seus direitos sociais, a temática da migração adquire ainda maior complexidade. A partir disso e de acordo com Cogo (2013), faz-se necessário avançar na ideia de cidadania e ver esse migrante como alguém que pode contribuir com sua cultura e experiência.

Em Novo Hamburgo, assim como pelo restante da região do Vale do Rio dos Sinos, vive, atualmente, um número expressivo de refugiados e migrantes, que trabalham ou estão à procura de emprego. Essa busca pela região como destino de migração exigiu a organização de ações para a inserção social desses indivíduos, no combate às diferentes formas de violência e intolerância.

Partindo dessa premissa, a Coordenadoria de Promoção de Políticas de Igualdade Racial procurou, em 2015, a Universidade Feevale, para, juntas, pensarem em ações de cunho social para a inserção desses novos grupos de moradores de Novo Hamburgo e região, no combate à exploração e discriminação. Na época, um migrante proveniente do Senegal participou das reuniões e contribuiu com as discussões, para que se pudesse compreender as reais necessidades dessa população. A partir desses contatos, conscientes das inúmeras dificuldades que enfrentam e, ainda, compreendendo que o número de refugiados tenderia a aumentar no Brasil, verificou-se a relevância do papel que a Universidade poderia e deveria ter nesse novo momento que se apresentava.

Nesse contexto, iniciou, em 2016, na Universidade Feevale, o projeto de extensão “O Mundo em NH: refugiados e migrantes - uma questão de Direitos Humanos”, com o objetivo de promover uma cultura de paz e tolerância, por meio do acolhimento e inserção social de grupos de refugiados e migrantes, assim como da articulação de ações educativas voltadas aos Direitos Humanos, contribuindo para a construção de uma sociedade que exerça cotidianamente sua cidadania. A maior parte das ações acontecem por meio de atendimentos específicos e oficinas de ações educativas que têm por finalidade integrá-los à comunidade e diminuir o racismo e a xenofobia, ou seja, o Projeto busca contribuir para o exercício cotidiano dos Direitos Humanos, através da educação e do conhecimento do outro, do convívio na diversidade. Atualmente, os cursos de Direito, Enfermagem, Fotografia, História, Letras e Psicologia da Instituição estão envolvidos no Projeto, que, ao longo desses anos, já atendeu em torno de 80 migrantes e refugiados.

Semanalmente, nas quartas-feiras à noite, acontecem, nas dependências da Universidade, oficinas para aqueles migrantes e refugiados que desejam participar. São crianças, homens

e mulheres, entre 10 e 45 anos, de diferentes nacionalidades – Senegal, Haiti, Colômbia, Venezuela, Filipinas, Palestina, Suécia, Turquia, Argentina -, que deixaram seus países, pelos mais diversos motivos, juntos. Nesse ambiente multicultural, na primeira parte da noite (19h30 às 21h), acontecem oficinas de Língua Portuguesa, que visam à ampliação da competência linguística dos beneficiados. Em seguida (das 21h às 22h15), intercalam-se oficinas de História e Realidade Brasileira, Fotografia e Psicologia. Além disso, há, também, quando necessário, assessoramento jurídico e psicossocial, além de encaminhamentos à área da Saúde.

Quanto às oficinas de Língua Portuguesa, o Projeto contribui também na formação de futuros professores de língua e literatura, que são bolsistas de extensão e responsáveis pelas aulas de português, sob supervisão e orientação de uma professora do curso de Letras. Nesse sentido, o Projeto oportuniza, além de vivências docentes em ambientes multilíngues, discussões e estudos acerca do papel da língua na construção identitária e sua importância na inserção social, o que será discutido a seguir.

O papel da língua na inserção social e construção identitária

A linguagem e a história são pontos nodais na compreensão das questões humanas e sociais de um povo, reforçando a relação entre o país e seu idioma oficial. A palavra, polissêmica e dialógica, nas palavras de Bakhtin (1999; 2003), traz marcas socioculturais e históricas que se fazem presentes no nosso desenvolvimento psíquico, motor e emocional. A língua portuguesa, nesse sentido, é a base para a comunicação dos migrantes e refugiados que chegam ao Brasil, ou seja, a sua aprendizagem, como afirmam Buors e Lentz (2009), possibilita que adquiram competências linguísticas e, também, saberes sociais para que possam ser e agir no mundo de maneira crítica. Trata-se, pois, de um fator de extrema importância para o reconhecimento e a construção da identidade de cada um dos sujeitos que aqui chega, sendo a liberdade para, enfim, existirem nesse novo lugar.

Essa importância é perceptível na fala de uma migrante colombiana beneficiada pelo Projeto, que afirma:

Parece que, quando chegamos, todos estão numa bolha, num filme, e a gente assiste de longe. É difícil entrar nessa bolha para se comunicar, se sentir parte, mas como a gente vai aprendendo Português, a gente consegue, e quando sabe dizer o que tem vontade é mais fácil, está dentro da bolha. (migrante colombiana, 27 anos, há 1 ano no Brasil).

Outra migrante, proveniente da Palestina e que vive há 16 anos no Brasil, complementa, reforçando a importância do português enquanto língua de acolhimento, pois é a partir dela que o sujeito constitui e é constituído, ou seja, a palavra proferida não é apenas um meio de comunicação, mas também conteúdo da própria atividade psíquica:

Nos dois primeiros anos em que estive no Brasil, senti que não vivia. Eu não me comunicava, não tinha comunicação. Não podia levar meus filhos no hospital, porque não conseguia falar. Era difícil ir ao mercado, fazer coisas simples. É como se eu não tivesse existido naqueles dois anos (migrante palestina, 45 anos, há 18 anos no Brasil).

O enfoque nas sessões de ensino de português para estrangeiros partiu, pois, da necessidade da comunicação como facilitadora para a realização das demais atividades e como premissa na constituição identitária dos migrantes e refugiados. É por meio dela que a ambientação no país é firmada, ampliando as chances de se buscar emprego, prosseguir com os estudos ou mesmo viver o cotidiano, compreendendo e sendo compreendido, a partir do que

indicam os artigos XIII, XIV e XV da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Desde que o Projeto iniciou, em 2016, em torno de 80 migrantes e refugiados já participaram das aulas de português. A média de frequência do grupo é entre 15 e 20 alunos a cada semana, falantes de diferentes línguas, a maioria bilíngue ou multilíngue, com culturas, vivências e experiências bem particulares, com diversos níveis de escolaridade, mas, ao mesmo tempo, com um objetivo em comum: aprender e/ou aperfeiçoar a língua portuguesa.

Durante as aulas, o foco inicial é o uso da língua no âmbito social e comunicativo. Para a sua efetivação, não se faz uso de livro didático, mas organizam-se as aulas conforme o perfil, os interesses e as necessidades dos alunos, avançando, gradativamente, nas especificidades da língua, que, aos poucos, vai se tornando mais harmônica aos ouvidos e facilitando a comunicação, seja dos participantes entre si ou destes em seu cotidiano.

Vale ressaltar que a realidade dos beneficiados exerce forte influência no planejamento e na organização das aulas. Nos dias de frio intenso, por exemplo, muitos alunos não mantêm assiduidade, pois as questões climáticas, aliadas às econômicas, fazem com que optem por ficar protegidos. Além disso, a cada semana, é possível a participação de novos alunos, o que exige planejamento flexível e dinamicidade dos acadêmicos que ministram as aulas.

As oficinas também se adaptam aos costumes religiosos de cada um, uma vez que, como afirma a Declaração Universal dos Direitos Humanos, “toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença” (Assembleia Geral da ONU, 1948). Entre os beneficiados, há crenças adventistas, muçulmanas e mórmons, bem como o ateísmo, na mesma sala. Dessa forma, os planos de aula se estruturam em um dos pilares do projeto: a empatia. Um exemplo foi uma situação em que estava planejado, para determinada aula, abordar a variedade de comidas típicas no país e, principalmente, no estado do Rio Grande do Sul. Porventura, cairia no período de jejum dos muçulmanos, o Ramadã, o que fez com que o planejamento fosse revisto, em prol do bem-estar e identificação de todos.

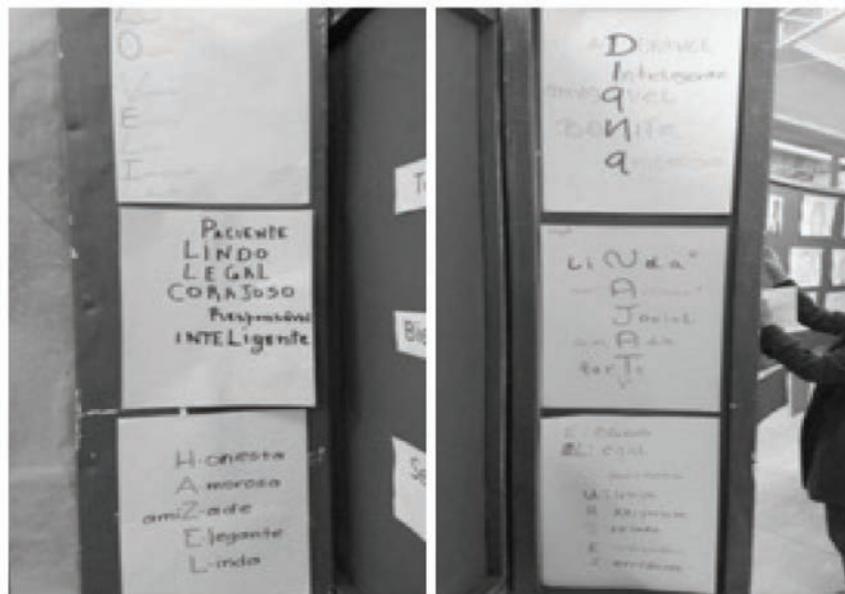
Considerando os contextos e as vivências dos participantes, faz-se o uso de materiais autênticos nas oficinas, ou seja, a língua viva usada em diferentes situações comunicativas é que é a língua portuguesa que norteia as aulas, que se dão a partir de gêneros textuais diversos, tanto orais quanto escritos, de forma dinâmica e interativa. Nesse contexto, a seguir, para fins de exemplificação, explicita-se o Projeto “Autorretratos”, no intuito de elucidar as ações e contribuições das Oficinas de Língua Portuguesa no que diz respeito à língua como acolhimento, à cidadania e ao resgate da identidade dos sujeitos que dela participam, tanto dos beneficiados quanto dos ministrantes.

Autorretratos: um olhar para si

“Autorretratos”, como o próprio nome sugere, tinha como objetivo a realização, nas oficinas de Língua Portuguesa, de autorretratos com palavras, visando a um olhar sobre si e, especificamente no que diz respeito à língua, à ampliação do vocabulário e à expressão oral. No primeiro momento, os participantes foram desafiados a criar, a partir das letras do seu nome e fazendo o uso de adjetivos positivos que lhe identificassem, um acróstico, utilizando materiais que foram disponibilizados, tais como folhas, canetas coloridas e lápis de cor.

Concluída a atividade, foi organizado um varal poético e cada um apresentou oralmente sua produção. Todos os adjetivos foram sendo anotados no quadro e novas palavras foram naturalmente surgindo e sendo explicadas. Ao final, traçou-se, em conjunto, o perfil da turma, estabelecendo semelhanças e diferenças entre os participantes. Assim, além de ampliar o vocabulário, os acrósticos possibilitaram aos participantes conhecerem-se um pouco mais e, com palavras positivas, elevar sua autoestima. Algumas das produções são apresentadas na Figura 1.

Figura 1. Acróstico.



Fonte: As autoras (2019).

Posteriormente, foram lidos, analisados, estudados, trabalhados os poemas *Retrato*, de Cecília Meireles, *O Autorretrato*, de Mário Quintana, e *Autorretrato*, de Juca Chaves. Explorou-se o vocabulário, a sonoridade, o ritmo e a melodia de cada um dos textos, que foram livremente recitados pelos alunos.

Ainda, no intuito de explorar a sonoridade das palavras, elaborou-se um dominó sílabico. O jogo consistia, inicialmente, em juntar os desenhos cujos nomes começassem pela mesma sílaba (a imagem da casa se unia à do cachorro, por exemplo). A Figura 2, que segue, explicita o momento do jogo, que foi considerado pelos alunos como divertido e de muita aprendizagem.

Figura 2. Jogo Dominó de palavras.



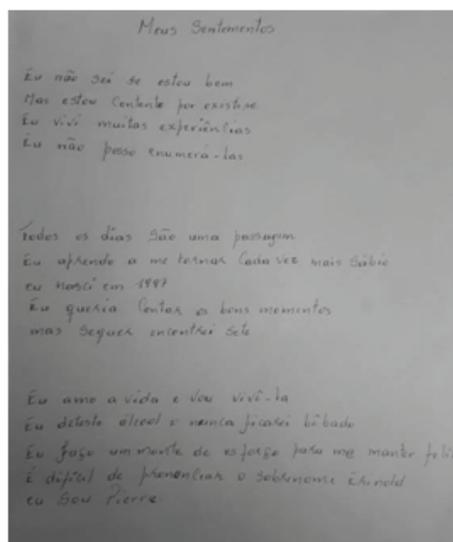
Fonte: das autoras (2019).

Na etapa seguinte, o desafio foi brincar com as palavras e, com elas, criar seu autorretrato. Com a mesma disponibilidade de materiais que tiveram quando da construção dos acrósticos, tomaram a liberdade de se escrever. Alguns o fizeram diretamente na Língua Portuguesa. Outros, escreveram na sua língua de origem e traduziram aos poucos, comparando as semelhanças e diferenças entre ambas as línguas. Por vezes, precisaram recorrer apenas ao conhecimento do Português, uma vez que o intuito da rima, por exemplo, não se concretizaria na tradução livre da língua nativa. Esse jogo de palavras, de balanço nas escolhas é, também, parte da identidade, especialmente em uma segunda, terceira ou quarta língua, como é o caso de muitos dos participantes do Projeto.

Após escritos e reescritos, os textos foram recitados, conforme a vontade de cada um. Embora não fosse obrigatório, todos recitaram, com orgulho, seus escritos, que, mais que possibilitar conhecer um pouco mais a língua portuguesa, possibilitou--lhes escrever e reescrever parte de si, suas memorescências.

As Figura 3, 4 e 5, que seguem, trazem alguns desses textos para fins de exemplificação.

Figura 3. Meus sentimentos



MEUS SENTIMENTOS

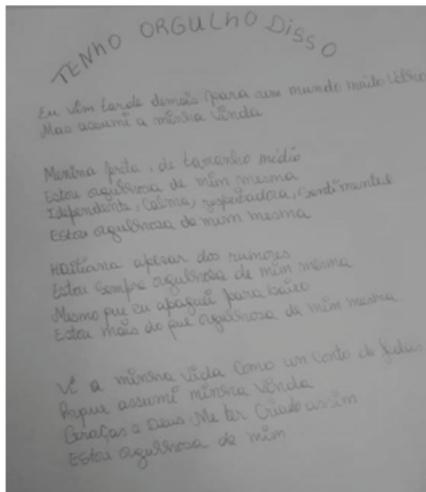
Eu não sei se estou bem
Mas estou contente por existir
Eu vivi muitas experiências
Eu não posso enumerá-las

Todos os dias são uma passagem
Eu aprendo a me tornar cada vez mais sábio
Eu nasci em 1997
Eu queria contar os bons momentos
Mas sequer encontrei sete

Eu amo a vida e vou vivê-la
Eu detesto álcool e nunca ficarei bêbado
Eu faço um monte de esforço para me manter feliz
É difícil de pronunciar o sobrenome Erinold
Eu sou Pierre

Fonte: As autoras (2019).

Figura 4. Tenho orgulho disso.



TENHO ORGULHO DISSO

Eu vim tarde demais para um mundo muito velho
 Mas assumi a minha vida

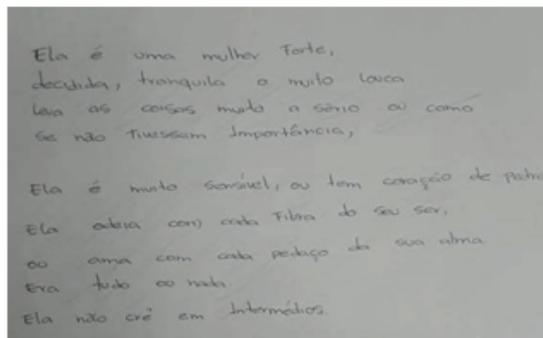
Menina preta, de tamanho médio
 Estou orgulhosa de mim mesma
 Independente, calma, respeitadora, sentimental
 Estou orgulhosa de mim mesma

Haitiana apesar dos rumores
 Estou sempre orgulhosa de mim mesma
 Mesmo que eu apegue para baixo
 Estou mais do que orgulhosa de mim mesma

Vi a minha vida como um conto de fadas
 Porque assumi minha vida

Fonte: As autoras (2019).

Figura 5. Ela é uma mulher forte.



Ela é uma mulher forte
 decidida, tranquila e muito louca
 leva as coisas muito a sério ou como
 se não tivessem importância,

Ela é muito sensível, ou tem coração de pedra
 Ela odeia com cada fibra do seu ser,
 ou ama com cada pedaço da sua alma.
 Era tudo ou nada.
 Ela não crê em intermédios

Fonte: As autoras (2019).

Paralelamente, à produção dos autorretratos nas oficinas de Língua Portuguesa, nas de Fotografia, os alunos produziram autorretratos fotográficos. A Figura 6, que segue, traz algumas dessas fotos.

Figura 6. Autorretratos fotográficos.



Fonte: As autoras (2019).

Toda essa diversidade de produções foi exposta no Sarau Culturas do Mundo 2019, evento organizado por todos que se envolvem no projeto. Para o evento, os migrantes também trouxeram comidas típicas e adereços de seus países, o que possibilitou uma noite de diferentes sotaques, sons, ritmos, movimentos, aromas e sabores, alinhavados por muito afeto, acolhimento e respeito às diferenças.

Quanto aos textos? Eles possibilitaram não apenas aprender português, tanto no que diz respeito à escrita como à fala, mas, pela escrita e a fala em uma língua que, aos poucos, vai se tornando familiar, dizer de si, desnudar-se e, dessa forma, permitir que o outro lhe conhecesse, pela forma com que escolheu cada palavra e compôs cada linha, cada verso.

Considerações Finais

O ser humano não vive isoladamente, já que sua vida se tece, se entrecruza, se interpenetra com a do outro. A palavra, por sua vez, permite a constituição da identidade na e pela linguagem. Nesse sentido, as oficinas dO mundo em NH contribuem, pela língua, na constituição das identidades e da autoestima dos migrantes e refugiados

Ao se entender a língua instrumento de interação, é premissa para que migrantes e refugiados compreendam os valores e as normas culturais do país que os acolheu. Da mesma forma, essa língua apresenta-se, como demonstram as produções dos beneficiados, possibilidade de autoexpressão, de falar de si, da sua cultura, suas tradições e seus conhecimentos.

“O mundo em NH” é, pois, fundamental para que esses cidadãos possam se constituir e se integrar à nova sociedade. O português como língua de acolhimento, nesse sentido, é a possibilidade de se integrarem na sociedade, no mercado de trabalho e, enfim, como expôs uma das migrantes, “sair da bolha e finalmente existir” nesse novo lugar.

Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1999.

_____. **Estética da criação verbal.** 4. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BUORS, P.; LENTZ, F. **Les littéracies multiples: un cadre de référence pour penser l'intervention pédagogique en milieu francophone minoritaire.** Cahiers Franco-Canadiens de l'Ouest, vol. 21, n. 1-2, p. 127-150. Presses Universitaires de Saint Boniface, 2009.

COGO, D.; BADET, M. **Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores – Migrantes no Brasil.** Bellaterra: InCom-UAB/IHU, 2013.

FARENA, M.N.F.C. **Algumas notas sobre direitos humanos e migrantes.** Jura Gentium: Rivista

di filosofia del diritto internazionale e del la politica globale, ISSN 1826-8269, 2008. Disponível em: <https://www.juragentium.org/topics/migrant/pt/ferretti.htm>. Acesso em: 20 maio 2020.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948. Disponível em: <http://www.dudh.org.br/wpcontent/uploads/2014/12/dudh.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

Recebido em 14 de julho de 2020.

Aceito em 20 de julho de 2020.